BOLETIM
INFORMATIVO

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

Boletim Trimestral N.º 468/470 – Ano XXXVIII Outubro/Dezembro 2025 | Director: José Ribeiro e Castro | Editora: Ana Maria Proserpio | OFERTA

Editorial

A independência nacional debaixo de fogo

Não escrevo só sobre a independência de Portugal, mas sobre a independência nacional de todos como valor constitutivo da ordem internacional: somos Estados livres e independentes que a todos nos respeitamos.
É assim – acreditamos – desde 1945, com a criação das Nações Unidas, cuja Carta identifica a independência política, a integridade territorial e a inviolabilidade das fronteiras como valores fundamentais. E, do mesmo passo, proíbe e condena o uso da ameaça ou da força, nomeadamente para obter ganhos territoriais.
Neste entendimento, que é sempre frágil, repousa a Paz Mundial. Sem esse entendimento, está tudo em perigo. As Nações Unidas assentam no banimento definitivo do direito de conquista, que marcou a história de todos os países até 1945, e visaram inaugurar uma era de respeito universal das fronteiras e de resolução pacífica de conflitos.
A guerra movida pela Rússia contra a Ucrânia (de facto, desde a ocupação da Crimeia, em 2014) pôs tudo em crise. O discurso do Kremlin é, frequentemente, de desrespeito pela independência dos ucranianos e até da sua identidade. Mas, em 17 de Dezembro, talvez embriagado pelo apoio que recebe do Presidente Trump, Vladimir Putin deixou-se de meias-palavras, pôs os filtros de parte e afirmou que a Rússia vai recuperar, a bem ou a mal, nas negociações ou por via militar, todos os "territórios históricos russos".
Esta linguagem é conhecida: é a de Adolf Hitler quando, para expandir a Alemanha nazi, conduziu o mundo ao abismo da 2.ª Guerra Mundial. A Alemanha lançou-se a recuperar os "territórios históricos alemães" subtraídos ao *"Reich"* pelo Tratado de Versalhes de 1919. E foi tudo a eito: o Sarre (por plebiscito), a Áustria (pelo *Anschluss*), os Sudetos, Memel (na Lituânia) e, já na guerra, Prússia Ocidental, Poznań, parte da Silésia e Danzig, Boémia e Morávia e um Estado fantoche eslovaco, Alsácia e Lorena, Eupen e Malmedy (Bélgica), partes da Iugoslávia e Tirol do Sul.
A imprensa diz que, por "territórios históricos russos", Putin refere-se a Donetsk, Lugansk, Zaporijia e Kherson, além da Crimeia. Ninguém pode ter a certeza de ser só isso. Quando o apetite é grande, a dinâmica é imparável. Lembremos 1939.
Há só duas certezas: a independência nacional da Ucrânia está debaixo de fogo; e a indignação é enorme. Já nem tanto com as palavras intoleráveis de Putin, mas com o facto de, do nosso lado, ninguém levantar a voz forte, firme e vibrante da indignação.

José Ribeiro e Castro
25.º Presidente da Direcção

COMEMORAÇÕES

1.º DE DEZEMBRO | As comemorações deste dia nacional tiveram início no dia 29 de Novembro, pelas 21h00, com o Concerto de Portugal, da Restauração e da Independência Nacional, no São Luiz – Teatro Municipal, em que a Banda da Armada, sob a regência do maestro Capitão-de-fragata Délio Gonçalves, ofereceu a todos os presentes mais uma magnífica actuação.

Na manhã do dia 1 de Dezembro, as cerimónias iniciaram-se às 9h00, com o hastear das Bandeiras Nacional, Restauração e da Sociedade Histórica, no Palácio da Independência, pelos Presidentes da Assembleia Geral, General Alexandre Sousa Pinto, da Direcção, Dr. José Ribeiro e Castro e do Conselho Supremo, Professora Doutora Ana Leal de Faria, apoiados por três praças da Força Aérea.

As cerimónias prosseguiram, às 10h00, com a habitual homenagem aos Heróis da Restauração, na Praça dos Restauradores. Foi mantido o protocolo de anos anteriores, com a colocação de duas tribunas: a Tribuna Presidencial e a Tribuna Diplomática.

Na Tribuna Presidencial, estiveram presentes, o Presidente da República, o Vice-Presidente da Assembleia da República, o Ministro da Defesa Nacional, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, o Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, o Presidente do Grupo Parlamentar do CDS, o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, um representante do Grupo Parlamentar do CHEGA, um representante do Grupo Parlamentar do PS, o Chefe da Casa Militar da Presidência da República, o Bastonário da Ordem dos Advogados, o Secretário Geral do MDN, o Presidente da CPHM, os representantes dos Chefes dos Estados-Maiores da Armada, Exército e Força Aérea e o representante do Comandante Geral da GNR, o repre-

sentante do Director Nacional da PSP, Dom Duarte Pio e sua esposa D.ª Isabel de Herédia, diversos Vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, além dos directores dos estabelecimentos militares e civis de ensino convidados.

Na Tribuna Diplomática, presidida pelo Presidente da Assembleia Geral, General Alexandre Sousa Pinto, estivaram presentes os Embaixadores e representantes das embaixadas do Brasil, Kosovo, S. Tomé e Príncipe, Panamá, Bangladesh, Ilhas Tonga, Espanha, Nigéria, Japão, Arábia Saudita, Republica Checa, Coreia do Sul, Turquia, Cabo Verde, Austrália, França, Argentina, Sérvia, Perú, Paraguai, e um conjunto de associados.

Com a chegada do Presidente da República e prestadas as devidas honras militares, deu-se início às cerimónias com o içar das bandeiras Nacional e da Restauração, ao som dos respectivos hinos, tocados pela Banda de Música da Força Aérea e interpretados pelo Coro Infantil e Juvenil da Casa Pia de Lisboa.

De seguida, usaram da palavra o Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. José Ribeiro e Castro, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng.º Carlos Moedas e o Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo.

No monumento estavam já as coroas de flores previamente depositadas e ofertadas pelas entidades presentes, tendo o Presidente da República prestado uma singela homenagem aos Heróis da Restauração da Independência e da Guerra da Aclamação, junto ao Monumento. Esta evocação foi acompanhada com os toques de silêncio, homenagem aos mortos e alvorada, executados por um terno de clarins da Banda de Música da Força Aérea.

A terminar a cerimónia, foram arriadas as bandeiras Nacional e da Restauração, ao som do Hino Nacional, uma vez mais tocado pela Banda de Música da Força Aérea e interpretado pelo Coro Infantil e Juvenil da Casa Pia de Lisboa, saindo as mesmas do dispositivo com a dignidade que lhe é devida.

De seguida e já no Palácio da Independência, foram firmados dois Protocolos de Colaboração, com a Secretaria Geral do Ministério da Defesa Nacional e a Fundação Batalha de Aljubarrota, respectivamente, a que se seguiu a assinatura do Livro de Honra da Sociedade Histórica pelas mais altas individualidades presentes.

Após este momento, foi apresentado pelo Prof. Doutor João Paulo Oliveira e Costa o projecto "Escolas 900 Anos".

Visitando-se, de seguida, a exposição "Portugal 900 Anos".

Seguiu-se a Missa Solene de Acção de Graças, pelas 12h00, na Igreja Paroquial de São Domingos, presidida por Sua Excelência Reverendíssima, D. Nuno Cordeiro, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa.
Os cânticos litúrgicos foram interpretados pelo Coro *Polyphonia Schola Cantorum*.

Nos momentos próprios na celebração eucarística, foram executados por um terno de clarins da Banda de Música da Força Aérea os toques de alvorada, homenagem aos mortos e silêncio.
Após a celebração da Missa Solene, Sua Excelência Reverendíssima, D. Nuno Cordeiro, deslocou-se ao Palácio da Independência onde procedeu à benção da nova imagem de Nossa Senhora da Conceição, colocada no nicho à entrada do Palácio, cedida pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

Desfile Nacional de Bandas Filarmónicas, uma organização conjunta da Câmara Municipal de Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, EGEAC Lisboa Cultura e Movimento 1.º de Dezembro.
O desfile, que teve início na Av. da Liberdade, junto ao cinema S. Jorge e terminou junto ao monumento dos Restauradores, contou com presença da Banda de Música da Força Aérea, um grupo de bombos e trinta e duas bandas filarmónicas, totalizando cerca de 1.800 músicos, estando representados 15 Distritos do Continente e um dos Açores.

Já na Praça dos Restauradores e após ter usado da palavra, o Presidente da Direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. José Ribeiro e Castro, foram interpretados, em conjunto por todas as bandas presentes, sob a regência do Maestro da Banda de Música da Força Aérea, Tenente Coronel António Rosado, os Hinos da Maria da Fonte e da Restauração.
Para finalizar a tarde e o desfile Nacional de Bandas Filarmónicas 1º de Dezembro, a pedido da Direção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, foi interpretada a marcha canção “A Portuguesa”, pelo tenor Pedro Tavares.
No final foram anunciados os galardoados do Prémio Imprensa Regional 2025.

COMEMORAÇÕES

1.º DE DEZEMBRO EM MACAU | A data histórica do 1.º de Dezembro foi evocada em Macau numa sessão pública realizada no auditório do Instituto Internacional de Macau, tendo o presidente deste Instituto e presidente emérito do Conselho Supremo da Sociedade Histórica da Independência de Portugal (SHIP), Jorge Alberto Hagedorn Rangel, referido o significado da data e das comemorações anualmente realizadas em Portugal, por iniciativa da SHIP e com a participação das mais altas autoridades nacionais e co-organização da Câmara Municipal de Lisboa.

Durante a sessão, em que também se procedeu ao lançamento de várias novas obras em Português, foi projetado e comentado o vídeo " A Restauração", da série "A Alma e a Gente", da RTP, em que o Prof. José Hermano Saraiva explica o contexto histórico que marcou o movimento bem sucedido que levou à restauração plena da independência nacional, bem como as suas consequências.
As novas edições apresentadas na ocasião foram o volume IV de "Figuras de Jade - Os Portugueses no Extremo Oriente", do investigador António Aresta, autor de vasta obra sobre Macau e a presença de Portugal no Oriente; o 20.º volume das crónicas macaenses de Jorge Rangel, intituladas "Falar de Nós - Macau e a Comunidade Macaense: acontecimentos, instituições, personalidades, o legado, a diáspora e o futuro"; "Vitória, Vitória!", uma história contada às crianças da derrota dos holandeses no seu último ataque a Macau em 1622; "A Menina da Casa Grande", um romance da escritora Maria Helena do Carmo; e a reedição trilíngue (em português, chinês e inglês), reformulada e ampliada, de "Um lugar de descobertas", um muito bem recebido guia didático para jovens descobrirem os monumentos do centro histórico de Macau, classificado pela UNESCO, desde 2005, como património da humanidade.
Todas estas obras foram publicadas pelo Instituto Internacional de Macau, que tem sido a entidade que mais edições produz em Macau, especialmente na língua portuguesa.

No entender de Jorge Rangel, a valorização do livro, sobretudo quando tem a ver com a memória de Macau e o legado luso, é a melhor forma de comemorar o 1.º de Dezembro em Macau, mais de duas décadas e meia após a transferência do exercício da soberania, ocorrida em dezembro de 1999. No próximo ano, a data será celebrada com a inauguração da secção juvenil da biblioteca do IIM, já em obras, cuja conclusão está prevista para o segundo trimestre de 2026, seguindo-se, imediatamente, o seu adequado apetrechamento.
Marcaram presença na sessão realizada no IIM o presidente da secção regional da Ásia do Conselho das Comunidades Portuguesas,
Rui Marcelo, e a presidente da Casa de Portugal em Macau, Amélia António.

COMEMORAÇÕES

1.º DE DEZEMBRO EM ELVAS E EM PINHEL |
Foi no passado dia 1 de Dezembro que o nosso Delegado em Ribacoa proferiu, no Museu Militar de Elvas, a convite do seu Diretor Coronel Nuno Duarte, uma conferência com o tema "O Real Hospital Militar de Elvas no contexto das Guerras da Aclamação", integrada na comemoração do feriado nacional, ao qual a Sociedade Histórica da Independência está intimamente ligada. Esta evocação preenche-se de simbolismo acrescido pois foi pelo Alvará de 4 de maio de 1645 que D. João IV ordenou a criação dos Hospitais Militares em Portugal, instituídos numa primeira fase nas praças-fortes de Elvas, Campo Maior e Olivença, alargando-se, a partir de 1646, a todas as praças e fortalezas em território nacional.

O tema abordou a evolução da criação dos Hospitais Militares, construção, administração, implantação nos centros amuralhados, assim como a sua identificação no exterior com uma escultura do S. João de Deus, constituídos por três elementos: o edifício assistencial, a cerca e o campo santo (cemitério).
O edifício era constituído por dois andares, onde se localizava a enfermaria baixa e alta, com a distinção de enfermarias menores e maiores, sala de cirurgia, cozinha, adega com arrumos, convento para os frades Hospitaleiros de S. João de Deus e capela. A cerca era dividida em horto medicinal e horto de cultivo, onde também se encontravam as capoeiras para os galináceos, o pombal, a coelheira, o redil para as cabras, o canil e cavalariça, com arrumos para lenha, feno, entre outros. O campo santo era fundamental para o enterramento dos falecidos e de partes do corpo após as cirurgias.

conferência, foram convidados a visitar as instalações do Museu Militar de Elvas e tiveram oportunidade de ver a nova sala dedicada às Invasões Francesas.

No dia 4 de dezembro o Delegado de Ribacoa proferiu uma conferência na Biblioteca Municipal de Pinhel sobre o tema "Personagens Ilustres de Pinhel – O Doutor João Pinto Ribeiro na génese da Restauração de 1640".
Foi o conferencista acolhido pela Vice-presidente da Câmara Municipal de Pinhel Dr.ª Cláudia Sofia Pereira dos Santos Pires, que deu as boas vindas aos 23 presentes para ouvirem o tema sobre os antecedentes da Aclamação dos Duques de Bragança para reinarem em Portugal.
O Doutor João Pinto Ribeiro, formado em Direito Canónico, viveu em Pinhel durante oito anos até ir para Ponte de Lima e mais tarde ser acolhido pelo Duque de Bragança D. João, como administrador dos bens de sua ilustre Casa Ducal. A proximidade de um e de outro, permitiram que o magistrado se movimentasse por Lisboa em contatos com os elementos da aristocracia portuguesa, conjurando em reuniões secretas até ao dia da Revolução de 1 de Dezembro de 1640.
O seu papel ativo neste período histórico da nossa nacionalidade é-lhe reconhecido, acrescentando o conferencista da sua ligação, como conhecedor do Direito Canónico, à elevação de Nossa Senhora da Conceição como Rainha e Padroeira de Portugal, em 25 de Março de 1646, tal como em Espanha foi reconhecida como Padroeira da Arma de Infantaria em 1892.

OUTRAS COMEMORAÇÕES

50 ANOS DO 25 DE NOVEMBRO

Realizou-se, no dia 8 de Outubro, no Ministério da Defesa Nacional, a primeira reunião da Comissão para as comemorações do quinquagésimo aniversário do 25 de Novembro de 1975.

A reunião foi presidida pelo seu Presidente, General Alípio Tomé Pinto, contou com a presença de todos os seus membros: os três representantes da Assembleia da República (deputados Bruno Vitorino, Jorge Galveias e Pedro Bugarín), o representante da ministra da Cultura (Miguel Faria), o director-geral de Política da Defesa Nacional (General Nuno Lemos Pires), o presidente da Comissão Portuguesa de História Militar (General João Vieira Borges), o presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal (José Ribeiro e Castro) e o representante da Associação de Comandos (General Manuel Apolinário).

O QUE ACONTECEU, COMO FOI

Desvios, confrontos, percalços da Revolução e o triunfo da Democracia

Na quarta-feira, dia 15 de Outubro abriu-se o Ciclo de Conferências organizado pela Sociedade Histórica sobre o 25 de Novembro. A primeira sessão foi dedicada aos primeiros abalos, que ocorreram entre Julho e Outubro de 1974.

abordou o período que vai de Novembro de 1974 a Fevereiro de 1975, tendo como tema “Choques: descolonização e partidos”.

O QUE ACONTECEU COMO FOI

Foram oradores convidados o Cor. José Sanches Osório e João Soares. Estiveram ainda presentes como oradores residentes o jornalista Carlos Magno e José Ribeiro. A moderação eteve a cargo da jornalista Raquel Abecassis.

A 29 de Outubro, realizou-se a terceira sessão com o tema “Golpe e contragolpe” (11 de Março).

Foram oradores convidados o Embaixador Luís de Almeida Sampaio e o Cor. Sanches Osório. Moderador: Henrique Monteiro. Residentes: José Ribeiro e Castro e M.ª João Avillez.

OUTRAS COMEMORAÇÕES

50 ANOS DO 25 DE NOVEMBRO

A quarta sessão, com o tema “Legitimidade democrática”, realizou-se no dia 5 de Novembro e foi sobre as eleições constituintes do 25 de Abril de 1975.

Teve como oradores convidados João Soares e Zita Seabra e residentes José Ribeiro e Castro, Nuno Rogeiro e José Luís Ramos Pinheiro. A moderação esteve a cargo do jornalista Henrique Monteiro.

Na quinta sessão, que se realizou no dia 12 de Novembro, falou-se da fractura e o período contemplado foi o denominado “Verão Quente”, entre Maio e Agosto de 1975. Teve como oradores convidados: João Soares e Nuno Pena e residentes José Ribeiro e Castro, José Luís Ramos Pinheiro e Maria João Avillez. A moderação foi de Raquel Abecasis.

Oferta de João Soares à Bilbioteca da Sociedade Histórica do "Novo Atlas Escolar Português", da autoria do seu avô João Soares.

tratou da aceleração, abarcando o período de Setembro a Novembro de 1975.
Moderadora: Raquel Abecasis. Residentes: José Ribeiro e Castro, José Luís Ramos Pinheiro e Nuno Rogeiro. Convidados: João Soares e Zita Seabra.

A sétima sessão foi dedicada à democracia e liberdade (25 de Novembro). Decorreu no dia 26 de Novembro e teve como oradores convidados Zita Seabra, Coronel Florindo de Morais (Comandos), General António Vaz Afonso (Força Aérea) e Hélder de Oliveira. Residentes: José Ribeiro e Castro, José Luís Ramos Pinheiro e Maria João Avillez. A moderação esteve a cargo de Henrique Monteiro.

Ainda nesse dia realizou-se a Homenagem Nacional ao General Vasco Rocha Vieira, que teve como oradores o General Luís Valença Pinto, o Dr. Jorge Rangel e o Dr. José Ribeiro e Castro e, agradecendo, a Dr.ª Leonor Rocha Vieira. Marcaram presença o ex-Presidente da República, General António Ramalho Eanes, e o Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo.

OUTRAS COMEMORAÇÕES

50 ANOS DO 25 DE NOVEMBRO

Realizaram-se no dia 23 de Novembro, junto ao antigo quartel de Lanceiros 2, na Calçada da Ajuda, as cerimónias de evocação do 25 de Novembro e, em especial, de homenagem aos "comandos" Furriel Joaquim Pires e Tenente José Coimbra, que, há 50 anos, tombaram mortos, nesse local, na acção militar em defesa da liberdade e da democracia e ao serviço de Portugal. Homenagem também ao General Jaime Neves, entretanto já falecido, que, na altura, comandou as operações a cargo dos Comandos, incluindo a tomada do quartel onde estavam os revoltosos da PM. As cerimónias culminaram a tradicional Marcha dos Audazes que une, neste dia, a Amadora à Ajuda.
A Sociedade Histórica esteve representada pelo Presidente da Direcção, Dr. José Ribeiro e Castro.

No dia 25 de Novembro realizou-se uma homenagem aos militares Comandos que perderam a vida no 25 de Novembro de 1975 (Tenente José Coimbra e Furriel Joaquim Pires), prestadas pelos seus camaradas, com a presença do Ministro da Defesa Nacional e do Chefe do Estado-Maior do Exército. O Presidente da Direcção da Sociedade Histórica participou.

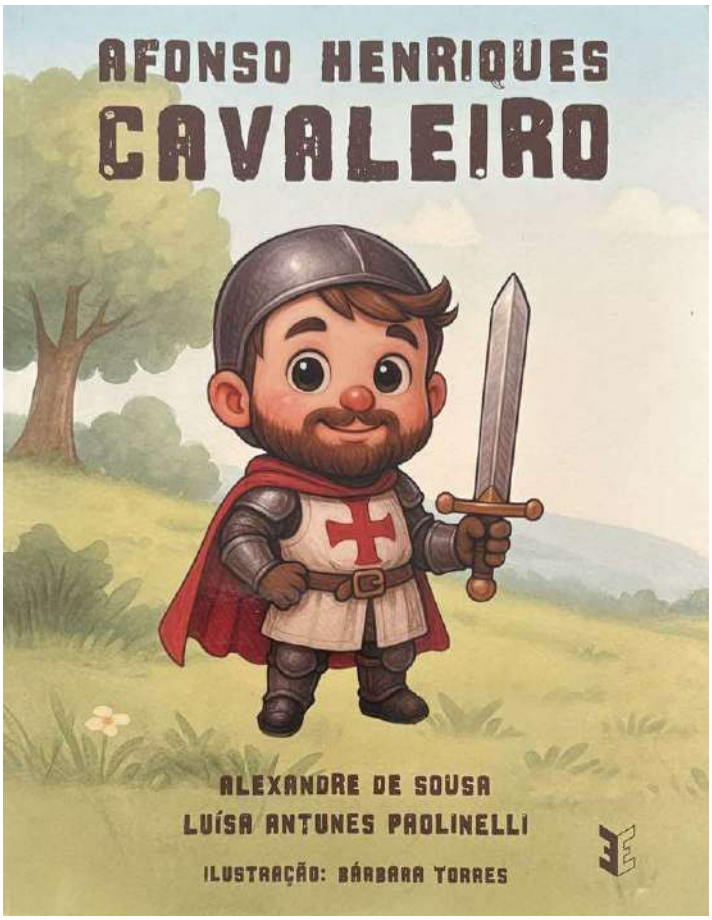
A Sociedade Histórica tem patente nas salas do futuro museu a exposição comemorativa dos 50 anos. Trata-se de uma exposição itinerante do Ministério da Defea Nacional (MDN) com documentos do Arquivo da Defesa Nacional (ADN) alusivos ao período entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro, com incidência no arquivo da 5ª Divisão do EMGFA (PT/ADN/EMGFA/5DIV).

A exposição é constituída por 20 painéis que abordam os seguintes temas: O 25 de Abril; Ultramar e Descolonização; Programa MFA; 5ª Divisão do EMGFA; CODICE - Comissão de Dinamização Central; CODIRES – Comissões de Dinamização Regionais (Norte, Centro, Lisboa, Sul e Faro); Partidos e Propaganda Política; Situação Social e Espírito das Populações; Sindicalismos e Relações Laborais; O 25 de Novembro.
Existem ainda no espaço dois televisores que estão a emitir dois vídeos, um do 25 de Abril e outro do 25 de Novembro. A exposição vai ficar patente até ao final do mês de Janeiro.

PORTUGAL 900 ANOS

ENCONTRO COM O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Ainda em Setembro, no dia 30, o Presidente da Direcção da Sociedade Histórica, Dr. José Ribeiro e Castro, foi recebido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Paulo Rangel, a quem expôs o programa **PORTUGAL 900 ANOS**, que tem vindo a ser construído e desenvolvido pela nossa instituição.
Em especial, defendeu que esta comemoração pode ser apoio importante à candidatura de Portugal ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, uma vez que não há muitos países com tamanha antiguidade e experiência. Os nossos 900 anos são grande evidência de maturidade e saber nas relações internacionais em todos os espaços continentais..



EXPOSIÇÃO PORTUGAL 900 ANOS

A exposição PORTUGAL 900 ANOS está patente na sala dos Arcos, mesmo ao lado da Biblioteca da Sociedade Histórica. Pretende evocar, em ciclo largo, o processo em que se desenvolveu o nascimento de Portugal.

AFONSO HENRIQUES – CAVALEIRO

Acaba de sair o primeiro livro numa colecção infantil **PORTUGAL 900 ANOS**.
O livro tem Afonso Henriques como protagonista, sendo contada às crianças a história de se ter armado Cavaleiro em Zamora, no domingo de Pentecostes de 1125.
Como é sabido, este foi precisamente o acontecimento histórico que a Sociedade Histórica usou para, em 8 de Junho, Domingo de Pentecostes de 2025, em Zamora, abrir o ciclo largo das comemorações dos 900 anos de Portugal.
Os autores, Luísa Paolinelli e Alexandre de Sousa, foram autorizados pela Sociedade HIstórica a usar a nossa marca e o seu logotipo nesta colecção.
Luísa Paolinelli, historiadora, professora na Universidade da Madeira, é uma das autoras que participam na série de artigos que publicamos no OBSERVADOR, às quintas-feiras, desde 13 de junho de 2024, de que já saiu o livro com o primeiro ano da série. E Alexandre Sousa é o animador do FÓLIO - Festival Literário Internacional de Óbidos.

N.º 6 do Séc. XXI – Dezembro 2025

FUNDADA EM 1861 | 06 | SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

independência

Director: José Ribeiro e Castro

Revista Semestral e Gratuita

Disponível para leitura e consulta a partir do dia 31 de Dezembro 2025 no site https://revistaindependencia.pt/

COMEMORAÇÕES

EMISSÕES FILATÉLICAS

900 ANOS DA INVESTIDURA DE D. AFONSO HENRIQUES

O sobrescrito de 1.º dia usado na cerimónia de obliteração dos selos comemorativos da investidura de D. Afonso Henriques, em Zamora, no Domingo de Pentecostes de 1125.
Passados 900 anos, no Domingo de Pentecostes de 2025, graças à Sociedade Histórica e aos CTT, a celebração deste 9.º Centenário chegou pontualmente, pelo correio, à Catedral de Zamora, onde foi concretizada a apresentação desta valiosa e significativa emissão filatélica.

Aconteceu em 8 de Junho de 2025. Assinam o sobrescrito José Ribeiro e Castro (Presidente da Direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal), Clarisa Rodriguéz de Zuñiga (Presidente do CIT de Zamora e Municípios Limítrofes), José Luís Gonzaléz Prada (Secretário-Geral da Fundación Rei Afonso Henriques), Florentino Cardoso (Presidente da Grã-Ordem Afonsina) e Raul Moreira (Presidente do Conselho Executivo da Fundação Portuguesa das Comunicações).

CTT CORREIOS

150 ANOS DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

A Sociedade de Geografia de Lisboa está a celebrar 150 anos, numa cerimónia presidida pelo Prof. Luís Aires-Barros, que proferiu uma conferência intitulada “A Sociedade de Geografia de Lisboa: passado e presente”.
A sessão decorreu no dia 14 de Novembro e a Sociedade Histórica esteve representada pelo Presidente da Direcção, Dr. José Ribeiro e Castro, que participou na emissão filatélica comemorativa lançada pelos CTT: selo e inteiro postal.

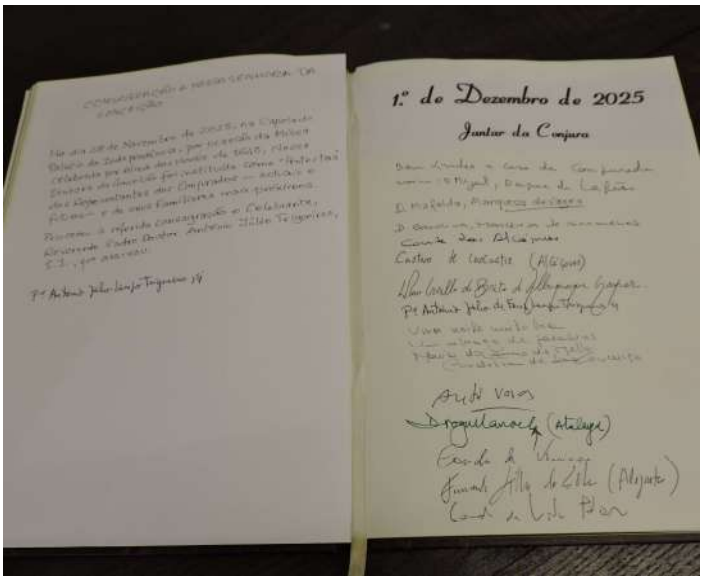
A Sociedade de Geografia de Lisboa foi fundada em 10 de Novembro de 1875, no reinado de D. Luiz, por um notável grupo de cidadãos que resolveram criar uma Sociedade destinada a promover o estudo e o progresso das “Sciencias Geographicas no paíz”.

VISITAS ILUSTRES

SECRETÁRIO-GERAL DO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

No dia 9 de Outubro o Presidente da Sociedade Histórica recebeu a visita do Tenente-General Fernando Serafino, Secretário-Geral do Ministério da Defesa Nacional, e do Comodoro Rui Alves Francisco, Secretário-geral Adjunto do Ministério da Defesa Nacional.

Nesta visita percorreram-se os vários espaços do Palácio e foi abordado a questão do museu da Independência que se encontra neste momento em fase de projecto.



No dia 6 de Outubro, uma comitiva liderada pelo fadista António Pinto Basto, da lista da coligação 'Por Ti, Lisboa", veio conhecer o Palácio da Independência, agora restaurado, e o projecto do futuro Museu da Independência. Estava acompanhado pela nossa sócia Maria Sobral Mendonza, pela Arqª. Xana Campos, do Gabinete da Vereadora Arqª. Filipa Roseta, e outros elementos da comitiva. Juntou-se ao grupo o Dr. José Pires da Silva, ex-presidente da Câmara de Ponte de Lima.

JANTAR DA CONJURA

No dia 28 de Novembro o Palácio acolheu o "Jantar da Conjura", onde estiveram presentes os representantes dos conjurados que assinaram no livro de visitas do Palácio.

Antes do jantar foi celebrada uma missa por Alma dos Heróis da Restauração pelo Rev. Pe. Doutor António Júlio Trigueiros S.J..

Por iniciativa da Senhora Marquesa de Vagos, nesse mesmo dia 28 de Novembro, na Capela do Palácio, por ocasião da Missa celebrada por Alma dos Heróis de 1640, Nossa Senhora da Conceição foi instituída como Protectora dos Representantes dos Conjurados, pelo celebrante Rev. Pe. Doutor António Júlio Trigueiros, S.J..

A Sociedade Histórica esteve representada pelo presidente, Dr. José Ribeiro e Castro.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

No dia 3 de Dezembro, o historiador de arte Anísio Franco, do Museu Nacional de Arte Antiga, esteve a colocar a nova imagem de Nossa Senhora da Conceição no nicho da entrada do Palácio.

Trata-se de uma cedência do Museu Nacional de Arte Antiga, cuja ficha técnica se transcreve abaixo:

Imaculada Conceição
Portugal
Século XVII, c. 1640-1660
Madeira dourada, estofada e policromada
A. 51,5 x L. 18 x P. 16 cm
Proveniência: Doação Arnilda da Cruz Roque Penin Kamenezky, novembro 1957
MNAA, Inv. 811 Esc

A Nossa Senhora da Conceição integra-se num conjunto de peças que Arnilda Roque Penim Kamenezky doou ao Museu, após a morte do seu marido, dando assim cumprimento ao seu desejo. Eliezer Kamenezky foi um judeu russo que se radicou em Lisboa nos anos vinte, vindo do Brasil. Adepto do naturismo, foi também alfarrabista, antiquário, escritor e actor. Fernando Pessoa, seu amigo, prefaciou-lhe o livro “Alma Errante”.

PARA UMA ETERNIDADE SAGRADA

D. JOÃO IV, REI DE PORTUGAL COM AS CORTES-GERAIS OBRIGOU-SE PUBLICAMENTE POR VOTO A SI E AO SEU REINO, A PAGAR TRIBUTO ANUAL À IMACULADÍSSIMA CONCEIÇÃO DE MARIA E FIRMOU COM JURAMENTO PERPÉTUO QUE HAVIA DE DEFENDER A MÃE DE DEUS, ELEITA DEFESA DO IMPÉRIO, PRESERVADA DA MANCHA ORIGINAL, PARA QUE VIVA A PIEDADE DOS PORTUGUESES. ISTO MANDOU EXARAR EM PEDRA VIVA COMO MEMORIAL PRETENDE NO ANO DE CRISTO DE 1646, SEXTO DO SEU REINADO.

CONCERTOS

CONCERTO DE PORTUGAL, DA RESTAURAÇÃO E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Neste ano de 2025, as comemorações do 1.º de Dezembro iniciaram-se, como já vem sendo tradição, com um Concerto de Gala dedicado exclusivamente a compositores portugueses, procurando-se assim homenagear o espírito e a liberdade do país.
Já vai na sua oitava edição, tendo-se realizado este ano, e pela segunda vez, no Teatro Municipal São Luiz.
A Banda da Armada prestou, mais uma vez, uma brilhante actuação sob a regência do maestro Cdte. Délio Gonçalves.

Os sócios compareceram no Teatro com grande entusiasmo, ficando esta sala de espectáculos de Lisboa quase lotada.

CONCERTOS NO SALÃO NOBRE

No dia 26 de Outubro, o Palácio da Independência acolheu um concerto do contratenor João Paulo Ferreira e, no dia 16 de Novembro, um espectáculo de “Cante Alentejano”. Ambos foram muito apreciados.

Também aqui a adesão dos sócios foi notória, enchendo das duas vezes o Salão Nobre.

VISITAS AO PALÁCIO

Agora que temos o Palácio restaurado, as visitas têm sido frequentes. Os grupos escolares e de turismo que acolhemos neste 4.º trimestre ficaram surpreendidos, pela positiva, com as obras de restauro e prometeram voltar para a abertura do Museu da Independência, a inaugurar ainda este ano.

NOVOS SÓCIOS	
1291	Filomena de Fátima Rodrigues de Sousa
1292	Maria Alice Correia Vala
1293	Maria de Fátima Ferro da Costa
1294	Maria do Espírito Santo Aguiar Miguel
1295	AGIR E COMPREENDER - Gestão de Escritórios, Lda
1296	Maria Fernanda dos Reis
1297	João Barroso Soares
1298	Francisco de Andrade e Silva Afonso Pereira
1299	Maria Dulce Ferreira dos Santos
1300	David Schubach
1301	João António da Cruz Rodrigues Gonçalves
1302	Eduard Dupont
1303	António José da Cruz Neto
1304	António Frederico de Oliveira Figueiredo
1305	Pedro da Costa Monteiro
1306	António Francisco Duarte Agostinho Caixeiro

FICHA TÉCNICA DO BOLETIM INFORMATIVO DA SHIP

Fundador: Carlos Vieira da Rocha **Director: José Ribeiro e Castro**

Edição e propriedade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal
Sede: Palácio da Independência Largo de São Domingos, n.º 11 – 1150-320 Lisboa
Sede da Redacção: Palácio da Independência
Revisores: Eng.º António Martins Pinto e Dr. José Pinho Neno
Estatuto Editorial: https://sociedadehistorica.pt/sociedade-historica/boletim-informativo
N.º de Registo na ERC: 114345 Correio Electrónico: shipgeral@sociedadehistorica.pt
Tel.213241470 NIF:500875294 Valor da quota anual: € 60,00
IBAN para pagamento de quotas: PT50003506970043880473214

CÍRCULO DO MAR

OS HELICÓPTEROS E A MARINHA DE GUERRA

No dia 2 de Outubro, o “Círculo do Mar”, em colaboração com o “Instituto Bartolomeu de Gusmão”, levou a cabo uma sessão subordinada ao tema em epígrafe com o objectivo de dar conhecimento de como foi a evolução da utilização de navios da Marinha de Guerra Portuguesa como plataforma de helicóptero. Foram convidados como oradores o Coronel Piloto Aviador José Estevinho e o Comandante Jorge Costa e Sousa.

Na apresentação da sessão o Coordenador do Círculo do Mar, Cte. Temes de Oliveira. relatou como aconteceu a primeira vez que um navio recebeu a bordo um helicóptero, relembrando que, na Guiné em 4 de Junho de 1964, no âmbito da Missão Tridente”, um helicóptero Alouette II da Força Aérea Portuguesa, pilotado pelo actual Cor. Piloto Aviador Alexandrino dos Reis, aterrou na Fragata “Nuno Tristão” onde, à ré, tinha sido montada uma plataforma provisória. Tendo a experiência corrido de forma satisfatória, seguiram-se, durante o período da Missão em curso, várias aterragens que garantiram movimentações, de e para o navio, de pessoal e material sendo que numa delas transportou para bordo o Ministro da Defesa Nacional, Gen. Manuel Gomes de Araújo.

Seguiu-se a intervenção do Cor. José Estevinho que, em Junho de 1972, foi o piloto que, acompanhado pelo 1.º Cabo Mecânico Francisco Serrano, aterrou um Alouette III da FAP na Corveta Pereira d’Eça ao largo de Moçambique, nas proximidades de Nacala e Ilha de Moçambique. E nela permaneceu embarcado durante um período de cerca de uma semana, em alto mar, participando numa operação aeronaval que se realizou no Norte de Moçambique. Tal embarque constituiu a primeira vez que um helicóptero AL III aterrou numa corveta deste tipo operando a partir dela.

A intervenção seguinte foi efectuada pelo Cte. Jorge Costa e Sousa, um dos sete primeiros Oficiais da Marinha formados pilotos de helicóptero na sequência da aquisição das fragatas da Classe Vasco da Gama. A sua formação como piloto decorreu na Força Aérea Portuguesa, em 1991, nos Epsilon da Esq. 101, em Sintra, e nos Alouette III da Esq. 102, em Tancos tendo terminado com o brevetamento dos sete pilotos, em Junho de 1991, na Base Aérea de Tancos.

Permaneceu na FAP durante 2 anos a voar os Puma na Esq. 751 do Montijo até à chegada dos primeiros 2 Lynx MK95, em Agosto de 1993, à Esquadrilha de Helicópteros (EH) entretanto instalada na Base Aérea do Montijo.

Seguiu-se a frequência do primeiro Curso de Conversão ao Lynx MK95, que decorreu de Outubro de 1993 a Dezembro de 1994, tendo culminado com a cerimónia das Deck Landings a bordo da FRAGAMA em Dezembro de 1994, ao largo de Sesimbra, onde ele e os outros pilotos foram "julgados" pelas “aterragens duras” que fizeram no convés do navio.

Em 1995, comandou o Destacamento de Helicóptero que pela primeira vez embarcou numa fragata, a Fragata Corte Real, que frequentou o OST (Operational Sea Training) em Inglaterra, e onde foi validado o modelo de formação e treino da Esquadrilha de Helicópteros Portuguesa, desenvolvido com a colaboração da Royal Navy.

Ainda em 1995, embarcou com o seu destacamento na Fragata Álvares Cabral, incorporada na força naval da NATO – SNMG1, que desempenhou a função de navio chefe da força naval durante a participação na Operação "SHARP GUARD" no Adriático. Nesta histórica operação da NATO, foi obtida a confirmação definitiva da completa capacidade operacional da nova aviação portuguesa embarcada, criada menos de dois anos antes.

Após o comando do destacamento de helicópteros, o Cte. Costa e Sousa tirou o curso de instrutor de helicópteros na RAF Shawbury em 1997 (286 QHI Course) e assumiu o cargo de Director do Centro de Instrução de Helicópteros da EH.

A crise político-militar na Guiné-Bissau em 1998 levou à intervenção de Portugal para mediar o conflito num conjunto de operações navais cognominado Operação Crocodilo-Falcão (Junho/Setembro 1998) na qual o Cte Costa e Sousa participou como piloto de helicóptero de reforço do destacamento JURASSIC FLIGHT comandado pelo Cte. Madeira, com 2 helicópteros embarcados a bordo da Fragata Corte Real.

A Operação Crocodilo-Falcão foi o atingir da plena maturidade e máxima capacidade da aviação naval portuguesa, com a participação de 2 fragatas da classe Vasco da Gama com 2 Lynx MK95 permanentemente embarcados durante cerca de 4 meses no teatro de operações da Guiné-Bissau e em Cabo-Verde.

Para ilustração desta operação o orador apresentou vários filmes das operações com helicópteros em terra e no mar, de elevado valor histórico e documental, nomeadamente o filme mostrando pela primeira vez a aterragem de um Lynx MK95 do JURASSIC FLIGHT em cima da torre da peça de 100 mm da fragata Vasco da Gama.

A carreira do Cte. Costa e Sousa como aviador naval culminou com o comando da Esquadrilha de Helicópteros de 2007 a 2010, com três destacamentos de helicópteros (2 embarcados e 1 a partir da EH) que voavam 1125 horas por ano e utilizavam o simulador de Lynx na Holanda de forma muito intensa. Durante o seu comando foi certificada a instalação das metralhadoras M3M a bordo dos Lynx MK95 e foi assinado o contrato de aquisição do cockpit Lynx MK95 no simulador.

Ao terminar a sua apresentação, referiu que a Marinha Portuguesa, como nenhuma outra marinha da NATO, atingiu a Full Operational Capability (FOC) dos seus helicópteros embarcados em 16 meses e operando há 32 anos (25.000 HV) sem acidentes, como a Marinha Portuguesa."

MENÇÃO HONROSA DO PRÉMIO INSTITUTO MARES DA LUSOFONIA 2024

Na sequência da decisão do Júri do Prémio "Instituto dos Mares da Lusofonia" 2024, em reunião no dia 6 de Novembro de 2024, ter decidido atribuir ao Prof. Nuno Miguel Duarte Faustino uma Menção Honrosa pela dissertação "A Actividade Comercial e Marítima da Foz do Mondego nos Alvores da Modernidade (1450-1550)" e tendo em conta o tema da dissertação, foi considerado de interesse e adequado que a entrega do respectivo diploma tivesse lugar em sessão a realizar na Figueira da Foz.

Para o efeito, a Sociedade Histórica da Independência de Portugal – Círculo do Mar entrou em contacto com a Administração do Porto da Figueira da Foz que prontamente se interessou pela ideia e sugeriu que a entrega do Diploma fosse inserida na Cerimónia Comemorativa do Dia do Porto da Figueira da Foz, a ter lugar no dia 30 de Outubro e na qual a Palestra seria proferida pelo Premiado, versando o tema da sua premiada dissertação.

Assim sendo, deslocaram-se à Figueira da Foz, no passado dia 30 de Outubro, o Presidente da Sociedade Histórica, Dr. José Ribeiro e Castro, acompanhado pelos elementos do Júri do Prémio e participaram na cerimónia que teve lugar, pelas 17h30, no Auditório Madalena Biscaia Azeredo Perdigão do Museu Municipal Santos Rocha.

A Cerimónia, perante uma numerosa assistência, foi iniciada pela intervenção do Presidente do Conselho de Administração do Porto da Figueira da Foz (Eng. Eduardo Feio) a que se seguiram intervenções do Presidente da Comunidade Portuária e do Representante do Presidente da Câmara Municipal que abordaram a importância e vida do Porto.

De seguida, foi dada a palavra ao Dr. José Ribeiro e Castro que agradeceu o convite para que a Sociedade Histórica se integrasse na cerimónia e passou a dar uma breve ideia do que era o Prémio, e seus objectivos, assim como informou sobre o projecto em curso pela SHIP "900 anos de Portugal".

Seguiu-se, proferida pelo Prof Bruno Faustino, uma interessante, bem elaborada e documentada palestra sobre o tema do trabalho premiado dando a conhecer os primórdios históricos do Porto da Figueira da Foz e que foi muito aplaudida pela assistência presente.

No final, foi entregue pelo Presidente do Júri, Almirante Alexandre da Fonseca, ao Prof. Bruno Faustino o diploma que lhe tinha sido atribuído.

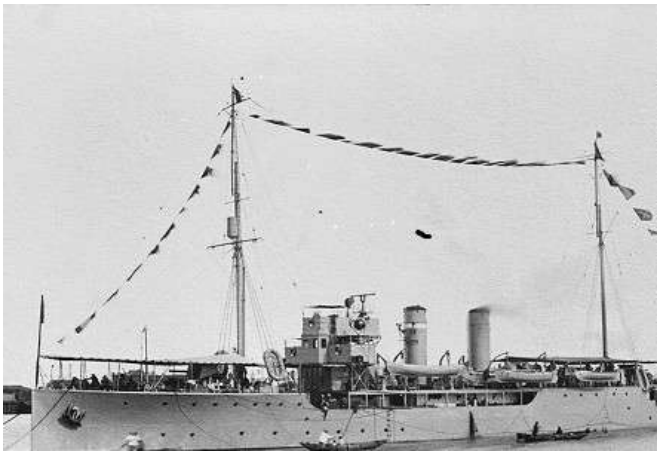
A MARINHA E A GUERRA CIVIL NA CHINA NA DÉCADA DE 1920

Em 10 de Novembro, o Círculo do Mar realizou, no Palácio da Independência, uma Sessão - Conferência subordinada ao tema "A Marinha e a guerra civil na China na década de 1920" a qual teve por oradores o Prof. João Moreira Freire e o Cte. António Cervaens Rodrigues.

Abriu a Sessão o Coordenador do Círculo do Mar, Cte. Temes de Oliveira que, para além de apresentar os oradores, enquadrou o tema na relevância que, à época, Portugal teve no contexto do Oriente, nomeadamente China e Japão, e que, certamente, foi razão fundamental para as boas relações que ainda hoje existem.

O Prof. João Moreira Freire foi o primeiro orador que logo anunciou ir abordar a “primeira fase” da Revolução Chinesa, vista pela proximidade com que a Marinha portuguesa seguiu esses acontecimentos, sobretudo entre 1922 e 1932, quando para aí enviou vários navios de maior porte para acautelar não só a defesa de Macau, mas também para salvaguardar os interesses comerciais e os nossos cidadãos residentes em Cantão e Changai, o que está contido no livro de sua autoria publicado pela Academia de Marinha em 2020 com o título “A Acção Naval e Diplomática Portuguesa na Grande Crise da China (1925-1928)”. E, assim, recordou brevemente alguns pontos mais significativos da história da China, incluindo as “guerras do ópio” que levaram à assinatura dos chamados Tratados Desiguais (de Nankin, 1842 e de Tientsin, 1860), que permitiram a abertura dos portos chineses e a navegação comercial de navios nos seus principais rios (Yang-Tze, Rio Amarelo e Rio das Pérolas), a circulação de missionários cristãos, o estabelecimento de “concessões” territoriais nas suas principais cidades e a disponibilização da ilha de Hong-Kong aos ingleses e que beneficiou também a posse portuguesa de Macau.

Face à profunda crise do regime Imperial, a República foi proclamada em Pekin em 1911, praticamente em simultâneo com Portugal, mas mantendo-se o país numa caótica situação política durante os anos seguintes. Havia aqui o lastro de um imenso campesinato muito pobre, demografia galopante e enormes desigualdades sociais, mas com as cidades costeiras já urbanizadas ao estilo moderno e com um operariado activo na reivindicação dos seus interesses. A China entrou na guerra contra a Alemanha em Agosto de 1917, quase só nominalmente, para se poder sentar entre as potências vencedoras na Conferência da Paz de Versailles em 1919. Mas a não atribuição de compensações de guerra suscitou a ira dos estudantes chineses, a qual promoveu a grande jornada de protesto nacionalista do “4 de Maio”, que espoletou a agitação dos anos seguintes, com o Partido Comunista a ser criado em 1921 (tal como em Portugal), um acordo diplomático entre Moscovo e Pequim em 1924 e o jovem nacionalista Chiang Kai-Shek a frequentar uma escola do Exército Vermelho em Moscovo dedicada a preparar futuros líderes político-militares pró-soviéticos em diversos países das periferias mundiais.



A agitação “anti-imperialista” fervilhava em todo o país e em Setembro de 1924, a canhoneira *Pátria,* do comando do CT Jerónimo Weinholtz Bivar, é enviada a Xangai para proteger a colónia portuguesa, que se encontrava integrada na Concessão Internacional, desembarcando um destacamento que colabora com marinheiros ingleses, americanos, franceses, japoneses e italianos para manter a segurança do *settlement*, num modelo de presença e intervenção que se repetirá nos anos seguintes com maior estrondo. De facto, em 1925 começa a *grande crise*, com virulentas manifestações de estudantes em Changai, em Hankow (actual Wuhan) e finalmente em Cantão, onde em Junho ocorre um denominado “massacre”, no qual estão directamente envolvidos a referida canhoneira *Pátria* e o seu comandante Weinholtz Bivar, no bairro de Shameen. Foi então enorme a agitação no campo nacionalista/comunista contra os ocidentais, sendo Portugal nominalmente acusado, entre outras potências imperialistas. O navio é mandado recolher a Macau, mas o Cônsul português em Cantão, Medeiros Horta, tem de contratar russos “brancos”, que, por

ali, havia em abundância, para defender o nosso Consulado.
Em 1926-27 decorre uma guerra civil contra o frágil poder de Pequim e os “senhores da guerra”, primeiro com a “grande ofensiva para o Norte” do exército comandado por Chiang Kai-Shek, seguida da rotura entre os dois aliados com massacres dos *dockers* de Xangai e o triunfo final dos nacionalistas. É neste quadro que ocorre a nova presença de navios da nossa Armada em Xangai, repetindo o desembarque de forças na cidade, tal como acontecera em 1924.

Seguiu-se uma intervenção do Cte. António Cervaens Rodrigues sobre o papel da Marinha nos mares da China baseada na informação contida no livro do Comodoro Ivens Ferraz . Descreveu as circunstâncias que levaram à partida urgente do Cruzador “República” para Macau e à nomeação do autor do livro, então Capitão-de-Mar-e-Guerra, para o seu comando. Cruzador largou do Tejo sem ter sido possível o adequado aprontamento do navio, pelo que, pelo caminho, teve de escalar alguns portos para limpeza de fundo e proceder a reparações. Em Macau, Ivens Ferraz foi graduado em Comodoro e assumiu as funções de Comandante-em-Chefe das Forças Navais que compreendiam para além do Cruzador “República”, a Canhoneira ”Pátria” e a Lancha-Canhoneira “Macau”. A presença do Cruzador foi suficiente para que os incidentes com grevistas e piratas que actuavam nas águas do território diminuíssem e a vida retomasse a normalidade.
O orador abordou ainda a marcha lenta e vitoriosa do General Chiang Kai-Shek que partiu de Cantão rumo ao Norte e que, na sua aproximação de Xangai, provocou grande ansiedade na numerosa colónia estrangeira ali residente e levou à constituição de uma imponente força naval internacional pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Japão. Na ocasião, os portugueses de Xangai pedem a presença de uma unidade naval, pelo que o “República” foi para ali enviado, tendo desembarcado uma força mista de marinheiros e soldados para patrulhamento e defesa de posições chave na Concessão Internacional. Não tendo ocorrido incidentes significativos, quando as forças nacionalistas entraram na cidade, o navio regressa a Macau, depois de ter sido homenageado pelo Cônsul-Geral em Xangai.
Já em vésperas da partida de Macau, rumo a Moçambique, o navio teve de arrostar com um fortíssimo tufão que o pôs em sério perigo. A perícia e determinação do Comandante e da guarnição evitaram o pior. Após reparações em Hong Kong a danos ligeiros o navio largou para Singapura, onde Ivens Ferraz teve conhecimento da sua promoção, por distinção, a Contra-Almirante.

A IMPORTÂNCIA DO ÁRTICO

Em 24 de Novembro, realizou-se, no Palácio da Independência, uma Sessão - Conferência do Círculo do Mar subordinada ao tema “A Importância do Ártico” a qual teve por orador o Contra-Almirante Nuno Sardinha Monteiro.
Abriu a Sessão o Coordenador do Círculo do Mar, Cte. Temes de Oliveira que, para além de agradecer a presença da assistência e de apresentar o orador, enquadrou o tema na sua relevância na actualidade, uma vez que o Ártico deixou de ser o denominado por Mackinder como o ICY SEA securitário em que era visto como uma zona de protecção dos Estados setentrionais, já que o mar gelado seria intransponível pelos exércitos e pelas marinhas, situação essa que, com a primeira travessia submersa sob o Polo Norte, em 1958, por parte do submarino nuclear USS Nautilus e com o crescente alcance das armas estratégicas intercontinentais, deixou de ter sentido.

Ao iniciar a sua intervenção, o orador, Contra Almirante Nuno Sardinha Monteiro, passou em revista a evolução do Direito do Mar nas suas regras sobre a jurisdição dos países nos espaços marítimos até ao regime actualmente em vigor, nomeadamente na questão dos pedidos de "extensão das plataformas continentais", questão crucial nas revindicações dos diversos países na área do Ártico.

Seguiu a sua intervenção, abordando as questões que tornam importante o Ártico, a começar pela riqueza imensa em recursos energéticos offshore e recursos minerais que despertam a atenção de todos os países circundantes. Não menos importante serão as novas rotas possíveis para o transporte marítimo que vão alterar profundamente a situação prevalecente no acesso ao Oceano Atlântico (embora actualmente com custo acrescido por necessidade de apoio de quebra-gelos e pilotagem), assim como a instalação de cabos submarinos e oleodutos reduzindo as distâncias entre o Norte da Ásia e América e a Europa Ocidental. Ou seja: são questões que merecem a atenção de Portugal, face à sua situação geográfica com uma costa totalmente atlântica.

Foi uma exposição muito interessante, simples e esclarecedora, assim como excelente contributo para o esclarecimento e divulgação de um tema que está na ordem do dia e nem sempre bem explicado, o que bem justificava que Portugal integrasse a "Comissão do Ártico". Comissão esta de que são Membros os Países que têm territórios acima do Círculo Polar Ártico (Rússia, Finlândia, Noruega, Suécia, Islândia, Dinamarca, Canadá e EUA) e são Observadores 8 países europeus (Alemanha, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Polónia, Reino Unido e Suíça) e 5 países não europeus (China, Coreia do Sul, Índia, Japão e Singapura) e onde se discutem e acertam as soluções para a utilização de exploração do Ártico.

Mapa ilustrativo do balanço de poder na região do Ártico.
Ao centro, as diversas propostas submetidas à Comissão de Limites da Plataforma Continental, com sobreposição no espaço geográfico.
Representação das rotas marítimas polares já existentes, passagens Nordeste (Rússia) e Noroeste (Canadá), bem como da futura rota transpolar.

INSTITUTO BARTOLOMEU DE GUSMÃO

A actividade do Instituto Bartolomeu de Gusmão (IBG) no 4.º Trimestre de 2025 consistiu na realização de 3 conferências e na apresentação de um livro.

A conferência do mês de Outubro, da autoria do Sr. Tenente-Coronel Paraquedista Miguel Machado, teve como tema «O essencial da História das Tropas Paraquedistas Portuguesas, 1955-2025». O autor da conferência fez uma exposição que abrangeu os 70 anos da existência das tropas paraquedistas, nos 2 períodos distintos da mesma. O primeiro período, de 1955 a 1994, correspondente à criação dos Caçadores Paraquedistas no seio da Força Aérea, à sua notável acção na Guerra do Ultramar e à sua subsequente reorganização e modernização, no final da mesma guerra. O segundo período da existência das tropas Paraquedistas abrangeu a sua transição da Força Aérea para o Exército e a sua participação numa série de acções de manutenção de paz, em que se realça a acção desenvolvida em Timor-Leste na sua transição de território ocupado para nação independente. Esta conferência foi antecedida por uma singela homenagem prestada à primeira paraquedista de Portugal, Isabel Rilvas, recentemente falecida. A sua evocação foi feita pela Enfermeira Paraquedista Antonieta Antunes.

A conferência do mês de Novembro, da autoria do Dr. Henriques-Mateus, Vice-Presidente do IBG, teve como tema «A 1.ª viagem Aérea Portugal-Guiné e o seu tempo 1925 -2025».

Nesta conferência, comemorativa da viagem em causa, o autor centrou a sua conferência no enquadramento temporal da mesma, nos anos 20 do século passado, e na importância que a mesma teve, ao iniciar as rotas aéreas africanas que levariam, pouco anos mais tarde, a Cruz de Cristo, das asas de Portugal, até Moçambique.

A conferência de Dezembro, da autoria do Dr. Luis Proença, colaborador assíduo da revista MAIS ALTO da Força Aérea, teve como tema «Para Que Outros vivam – A missão de Busca e Salvamento em ambiente marítimo (1947-2025)». Nesta conferência, relativa à nobre missão de salvar vidas no mar, o autor descreveu o início desta missão nos mares dos Açores, a partir do final da 2.ª Guerra Mundial, com aeronaves então recebidas dos EUA. O período analisado na conferência terminou no ano de 1975. Para completar a análise do tema, o Instituto fará uma segunda conferência dedicada ao mesmo, no mês de Março de 2026.

INSTITUTO BARTOLOMEU DE GUSMÃO

No mês de Dezembro, realizou-se ainda uma sessão de apresentação da 7.ª edição do livro da autoria do falecido Major PilAv. António Lobato, intitulado «LIBERDADE OU EVASÃO: o mais longo cativeiro da guerra», relativo à sua captura, na Guerra do Ultramar, no teatro de operações da Guiné, e ao seu subsequente cativeiro, de sete anos e meio, nas horríveis prisões da Guiné-Conacry. Esta edição do livro teve o patrocínio da Liga dos Combatentes, cujo Presidente, o Sr. General Chito Rodrigues, teve uma intervenção no final da sessão.

A sessão foi presidida pelo Dr. José Ribeiro e Castro, Presidente da Sociedade Histórica. A apresentação do livro esteve a cargo do Tenente-Coronel Brandão Ferreira, membro fundador do IBG e amigo pessoal do homenageado, que destacou a coragem física e moral do Major Lobato e a sua permanente lealdade à Pátria. Foi um herói que tivemos a honra de recordar.

CÍRCULO DA LÍNGUA PORTUGUESA

No dia 24 de Outubro, este Círculo promoveu uma sessão sobre a “A Cultura de Língua Portuguesa e o Culto do Espírito Santo”, da autoria do Dr. António de Abreu Freire.

No dia 25 de Novembro de 2025, realizou-se no Salão Nobre o colóquio “Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco” que teve como oradores os professores Alexandre Honrado, Fernando de Moraes Gebra, Jorge Chichorro Rodrigues, Paula Oleiro, Pedro Meireles e Saulo Thimoteo.

O 4.º trimestre terminou com uma sessão sobre “A Língua Portuguesa como raiz da existência da Guiné-Bissau”, do professor Renato Epifânio. Foi, ainda, apresentado o livro “Do discurso do Cacheu ao peso (in)amovível dos interesses”, de Hernâni Vidal de Rezende.

CÍRCULO DA DIFUSÃO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL JUNTO DOS ESTRANGEIROS

Em 4 de Outubro, o Círculo da Sociedade Histórica dedicado aos residentes estrangeiros, coordenado pelo Dr. Loïc Lecam, promoveu uma conferência intitulada *«D'un monde à l'autre. Comprendre les nouveaux enjeux géopolitiques.»* que teve como orador o Général Dominique Trinquand.
Esta iniciativa contou com a colaboração da Associação de antigos combatentes e militares franceses em Portugal, que esteve representada pelo seu presidente, o Coronel René Mesure, e da Associação luso-francesa de defesa e segurança, tendo estado presente o seu presidente, Coronel Jean-Jacques Maurice.

A sessão foi aberta pelo presidente da Sociedade Histórica, Dr. José Ribeiro e Castro, tendo o Lieutenant Jean-François Berte feito a apresentação do orador.

ENCONTRO DO CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

No dia 13 de Outubro reuniu-se pela primeira vez no Palácio da Independência o Conselho Permanente das Comunidades Portuguesas, sobre o tema "(Re)Conhecer e valorizar as Comunidades Portuguesas no estrangeiro".

Na mesa da abertura estiveram o Dr. Emídio Sousa, Secretário de Estado das Comunidades, Dr. José Ribeiro e Castro, Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e Dr. Flávio Martins, Presidente do CP/CCP.

Seguiu-se o debate sobre as "Comunidades: Como as percebemos e o que fazer: um activo, uma mais valia ou uma peça retórica?" com um painel com vários intervenientes: a Dra. Manuela Aguiar, antiga Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas; o Dr. António Calçada, Presidente do Conselho da Diáspora; o Dr. Álvaro Beleza, Presidente da SEDES; O Dr. Paulo Costa do Movimento "Também somos Portugueses"; a Dra. Cláudia Pereira, do Observatório da Emigração; a Dra. Maria de Lurdes Almeida, ex-Conselheira das Comunidades Portuguesas; o Conselheiro Dr. Vasco Abreu, da África do Sul e o Conselheiro Dr. Carlos Rui Marcelo, de Macau.

ASSEMBLEIA GERAL

Em 18 de Dezembro, realizou-se a reunião da Assembleia Geral da nossa associação. Para além da aprovação do plano de acção e orçamento para 2026, foi eleita, sob condição, a Fundação Batalha de Aljubarrota como sócia benemérita.

APRESENTAÇÃO DE LIVROS

Neste 4.º trimestre de 2025, foram apresentados vários livros no Salão Nobre.

No dia 21 de Outubro, o livro **"Comandos – Prontos para o Sacrifício"**, da autoria do Dr. António Manuel de Moraes.

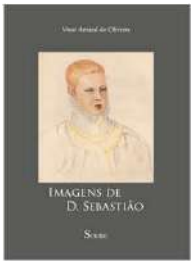
A Sessão foi aberta pelo presidente da Direcção, Dr. José Ribeiro e Castro. Apresentou a obra o Coronel de Infantaria/Comando Américo Henriques.

No dia 4 de Novembro, foi apresentada a obra **"A Queda de Goa – Causas e consequências. Uma síntese"**, da autoria do Dr. Mário Matos e Lemos. A obra foi apresentada pelo Prof. Doutor António Telo, numa iniciativa do Círculo Diplomático e do Círculo da História da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Em 3 de Dezembro, foi apresentada a obra **"Imagens de D. Sebastião"**, da autoria do Doutor Vitor Amaral de Oliveira, publicada pela editora Scribe. A apresentação esteve a cargo do Dr. José Ribeiro e Castro, presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

E, a 17 de Dezembro, foi apresentado o livro **"Viagem ao Reino do Algarve"**, da autoria do Professor Virgílio Machado, editado pela Universidade do Algarve.

Esta obra recebeu, neste ano, uma Menção Honrosa do Prémio do Instituto dos Mares da Lusofonia, pela elevada qualidade científica e literária.



VISITAS CULTURAIS

VILA VIÇOSA | No dia 9 de Outubro, um grupo de associados realizou um percurso literário pelos locais mais emblemáticos de Vila Viçosa, ligados a Florbela Espanca, nome incontornável da cultura portuguesa, com declamação de alguns poemas, no âmbito dos 95 anos da sua morte (1930-2025).
Passámos pela Casa Museu Florbela Espanca, o banco de poesia, onde se encontra inscrito o último terceto do poema "As Árvores do Alentejo", o memorial de homenagem a Florbela Espanca na zona da casa onde nasceu, o Mural Florbela Espanca (situado na fachada do Alentejo Marmoris Hotel & Spa), o Centro Interpretativo do Castelo, o Mausoléu, o busto de Florbela Espanca.

Logo na escola primária, começa a assinar escritos como Florbela d'Alma da Conceição Espanca, antes de se tornar uma das raras mulheres à época a frequentar o Liceu de Évora, usar calças e ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Uma visita onde se pôde conhecer um pouco mais deste nome incontornável da cultura portuguesa.

MIRA | A 11 de Novembro, a Sociedade Histórica organizou uma visita cultural à região de Mira inserida na comemoração dos 95 anos da morte de Raul Brandão, escritor da obra "Os pescadores", que retrata a vida e as comunidades piscatórias de Portugal, incluindo a região de Mira.
Começámos por visitar os Moinhos de Água de Mira onde alguns moleiros ainda laboram farinha de milho, trigo e centeio e o descasque do arroz, continuando a partir milho para os animais. Um valioso património sócio-cultural. De seguida visitámos o Museu Palheiros de Mira, um lugar multissensorial, onde podemos descobrir as histórias, tradições e culturas dos homens e mulheres que fizeram deste território a sua casa e a Capela de Nossa Senhora da Conceição, junto à praia de Mira, cuidada pelos pescadores e suas famílias que aí invocam protecção e agradecem graças concedidas, sobretudo nas vidas e lides ligadas ao mar que ainda hoje fazem parte da rotina desta vila.

A tarde foi dedicada a Gândara, ao Museu do Território e ao Centro de Interpretação da Casa e Cultura Gandaresa. São espaços museológicos que interpretam, valorizam e convidam a conhecer o território da Gândara como uma surpreendente viagem pelo tempo e pelo património natural e cultural da região.

VISITAS CULTURAIS

ALMOÇO DE NATAL | Foi no passado dia 05 de Dezembro que se realizou o já nosso tradicional Almoço de Natal que juntou Direcção, funcionários e associados da nossa querida Instituição.

Desta vez, o destino foi à zona do Bombarral, Cadaval e Aldeia do Carvalhal, onde se começou por visitar o Museu do Bombarral onde salas contam histórias sobre as origens através do património arqueológico, explorando o sagrado com o património religioso, celebrando as formas nas artes e mergulhando no universo das palavras, o património literário.

Antes de almoço visitámos a Fábrica do Pão-de-Ló Ti' Piedade com direito a uma prova deste doce característico.

De tarde, deslocámo-nos até à localidade do Carvalhal, onde visitámos o Santuário do Senhor Jesus do Carvalhal, a Ermida de Nossa Senhora do Socorro e a Igreja do Santíssimo Sacramento.

Antes de regressar a Lisboa, houve ainda tempo de provar mais uma iguaria desta região na Ginja do Sanguinhal, os Mimosos do Bombarral acompanhado de uma ginjinha artesanal.

Votos de Santo Natal e um Excelente Ano de 2026

INATEL
FUNDAÇÃO

VIAGENS NACIONAIS

DESDE **852€**

ESCAPADINHA DE PRIMAVERA A SÃO MIGUEL
20 a 22 março
Lisboa

DESDE **219€**

OS SEGREDOS DA CHANFANA
07 a 08 março
Setúbal | Lisboa
Santarém | Leiria

DESDE **434€**

ROTA DAS AMENDOEIRAS
23 a 26 março
Viana do Castelo
Braga | Porto

DESDE **533€**

TRADIÇÕES PASCAIS - MINHO
03 a 07 abril
Faro | Beja
Évora | Aveiro

DESDE **1.369€**

ENCANTOS DA MADEIRA
17 a 20 abril
Lisboa

VIAGENS INTERNACIONAIS

DESDE **700€**

CAMINITO DEL REY, RONDA E SETENIL DE LAS BODEGAS
23 a 26 abril
Coimbra | Leiria
Santarém | Lisboa
Setúbal

DESDE **1.593€**

ESPECIAL GRÉCIA: RODES
02 a 09 maio
Lisboa

DESDE **1.321€**

DE CUENCA À CIDADE ENCANTADA E LA MANCHA
17 a 21 maio
Lisboa | Porto

DESDE **2.288€**

OCITÂNIA, PROVENÇA E COTE D AZUR - ENCANTOS DO SUL DE FRANÇA
04 a 11 junho
Lisboa
Porto | Faro

DESDE **1.254€**

GRAN CANARIA: CULTURA NATUREZA E PRAIA
16 a 23 junho
Lisboa | Porto

primavera INATEL

EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS PARA TODOS

viagens
MARÇO A MAIO 2026

Desde **355€**

RNAVT Nº 2954

INFO E RESERVAS: T. 210 027 000* | turismo@inatel.pt | turismo.inatel.pt | Delegações INATEL
*chamada para rede fixa nacional